

Assinado Eu¹

Bruno FREITAS²

Lara Lima SATLER³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Assinado Eu é o título de vídeo documentário filmado no período de um dia, mostrando fatos cotidianos da reunião de duas partes da minha família, uma que mora em Goiânia e outra que mora na periferia da cidade de Trindade (GO). O documentário aborda o encontro com este diferente, uma realidade de vida diferente da de muitos brasileiros e principalmente diferente da minha e é isto que mais me chama a atenção nesta parte da minha família. As histórias, o cotidiano, o banal, tudo isto faz parte do dia-a-dia da família tão diferente, porém tão comum.

PALAVRAS-CHAVE: cotidiano; diferente; família; histórias.

1 INTRODUÇÃO

O documentário aqui submetido se passa em um ambiente urbano, porém nos limites da cidade de Trindade apresentando aspectos tipicamente rurais do estado de Goiás, lugar em que o tempo parece mais pacato, as pessoas mais simples e aparentemente despreocupadas. Diferente do que muitos podem pensar, estas pessoas são ricas em histórias, vocabulário próprio e intimidade de uns com os outros. Este documentário é composto por pessoas anônimas e se propõe mostrar um pouco das atividades cotidianas da minha família que mora no interior de Goiás. O seu foco é em ouvir suas histórias, sejam elas sobre o que for, sejam reais ou não, mas ouvi-las. O cotidiano é representado pela naturalidade das personagens ao conversarem e continuar seus afazeres se esquecendo, por vezes, da presença da câmera. Ele também é abordado pelas rupturas de continuidade do documentário sempre retratando um elemento que é importante na vida de ao menos uma daquelas pessoas, sendo estas cenas mais lentas e com uma fotografia mais bela. Como exemplo a família retratada, como podem perceber pela fotografia, é bem pobre, o que é outro elemento muito importante neste documentário, pois vem para combater o meu

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade CA02 Filme de não ficção/documentário/docudrama (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso Comunicação Social: Habilitação em Publicidade e Propaganda, email: the_zumany@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social: Habilitação em Publicidade e Propaganda, email: satlerlara@gmail.com

preconceito e mostrar que eles podem ser até mais divertidos, íntimos e unidos que minha família urbana, quebrando meus próprios tabus. Um documentário feito para ser engraçado e também comovente, ele deve, em primeiro lugar para mim mesmo, fazer pensar um pouco mais sobre o que acho sobre o diferente da minha realidade e o que realmente é para estas pessoas, meus familiares distantes.

2 OBJETIVO

Mostrar um dia de parte da minha família distante, que é considerada diferente pela outra parte da minha família da capital.

Captar estas pessoas em seu cotidiano.

Refletir sobre os meus preconceitos, conhecendo uma realidade diferente da que eu vivo e uma diferente perspectiva sobre a vida.

3 JUSTIFICATIVA

A ideia do documentário surgiu pelo trabalho de produção estabelecido na matéria de Aprendizagens Audiovisuais Cotidianas, quando a proposta era nos apropriar de tudo o que aprendemos durante as aulas. Veio-me a tona uma lembrança no qual as duas partes da minha família, aquela que vive em Goiânia, na capital, e a que vive na periferia do interior, em Trindade se reuniram no casamento de um primo e como aquelas pessoas agiam no matrimônio e após ele, na festa de casamento. Esta festa toda era composta por várias pessoas da minha família, esta mesma do documentário e muitas outras pessoas que vivem em situação muito semelhante, e tudo isto me pareceu muito interessante de abordar. Ver uma realidade tão diferente e perceber que reagem de uma forma totalmente diferente a qual eu imaginava me deixava intrigado, incomodado e eu gostaria de mostrar para os outros toda aquela riqueza. Existe um preconceito, não só meu, mas de vários familiares por parte da minha mãe (que vivem em situação bem diferente financeiramente) e acredito que muitos dos meus colegas de curso também pudessem ter os mesmos preconceitos, pela situação financeira deles em comparação aos familiares que apresento no documentário. O que eu mais queria era registrar aquelas pessoas, mostrar elas ao natural e poder refletir sobre aquelas imagens, pois eu achava aquela parte da minha família muito interessante, não só pela distinção de realidade financeira, mas também pelos hábitos e costumes de cidade pequena, beirando até mesmo ao rural.

A reflexão sobre os meus preconceitos era fundamental as gravações de todo aquele material audiovisual, pois através deste recurso eu coloco todos estes preconceitos na berlinda, posso rever tantas quantas vezes forem necessárias todas as cenas, eu tenho uma expressão materializada de tudo isto, desde o material bruto até a edição final para que eu possa tirar minhas próprias conclusões. O diferente é o interessante neste documentário, apesar que o diferente para mim seja algo natural para muitos outros, mas devo lembrar que este é um documentário muito íntimo e que parte das curiosidades do diretor – este que vos escreve – que vê naquela família um grande potencial para mostrar diferentes realidades, pensamentos e provar que no final somos todos pessoas, independente de nossas diferenças.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Como estratégia para a criação deste documentário eu resolvi escutar as pessoas, deixar com que elas por si só me dessem o material pretendido. Para alcançar os meus objetivos concluí que deveria ser apenas um observador, se abstendo ao máximo de interrupções, pois era importante a captação da imagem daquelas pessoas em seu estado natural.

O único equipamento utilizado para a produção do documentário foi uma câmera semiprofissional – CANON T3i – e o programa SONY VEGAS PRO para a edição.

Como recurso técnico de filmagem não era possível determinar onde iniciaria uma ação interessante por parte dos personagens, ou evitar com que eles se deslocassem pelo local, pois geralmente estavam se deslocando a todo momento, então como tentativa de obter uma melhor imagem eu tentava enquadrar sempre duas pessoas na filmagem, ou quando uma pessoa contava um história a tentativa era de enquadrar apenas ela. É válido ressaltar a dificuldade de filmar até mesmo por questões técnicas como iluminação, cenas que foram feitas dentro de um carro em movimento (em vias esburacadas) e até mesmo obstáculos do próprio ambiente, que em maioria eram internos, fechados e estreitos.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A obra documental tem como proposta mostrar uma realidade diferente da minha e em seu estado natural, com a captação de imagens com a menor interferência externa possível, mas em contra partida percebo no decorrer do documentário a *mise-en-scène* dos

personagens e a sua evolução de acordo com o tempo que se acostumam com a presença da câmera. A abordagem inicial da câmera era opressora, aqueles que eram observados se sentiam tímidos com a presença da filmadora, se calavam, julgavam-se não ser interessantes para a captação de material. Comolli (2008, p.58) afirma que “(...) quando nos aproximamos delas com uma câmera, elas nunca imaginam que isso pode ser a favor delas. Filmar a favor delas. Ser a instância de uma revelação de um reconhecimento”. Este comportamento é facilmente notado no início do documentário, quando vi a Divina evitando olhar para a câmera, Dona Zete disse “Então ela não quer contar não, vou contar uma dela (...)” enfatizando o receio da companheira. Na próxima cena em que aparecem as pessoas elas já estão mais à vontade e interagindo entre si, não ignorando a presença da câmera, mas percebendo que elas e suas ações cotidianas são a própria história, que o observador, no caso eu, estava interessado em ouvi-los e que eles mesmos são o espetáculo.

Comolli (2008) afirma que escutar o outro se torna, de fato, uma grande diferença, pois esta já não é mais uma prática comum. Para a produção deste documentário foi feito mais uma hora de material audiovisual, já com o objetivo de deixar com que acostumassem com a presença da câmera e pudessem agir de forma mais natural. De uma tarde inteira de filmagem foi utilizado aproximadamente 6 minutos de material editado, para a criação do documentário. Se atribuo um método para este trabalho, diria ser a escuta paciente e colocar-me como alguém interessado para o que eles tem a me contar.

Antes de tudo, organizar o menos possível, e, nos momentos de graça, não organizar mais nada. Deixar, então, nossos personagens, sozinhos ou juntos, se encarregarem da organização de suas intervenções e aparições em cena. Responder às suas proposições em vez de fazê-los entrar nas nossas. Como se, em uma ficção, em vez de mandar os atores trabalhar, seguissemos a lógica dos personagens: não se trata de ‘guiar’, mas de seguir. (COMOLLI, 2008, p.54)

Assim, este é um trabalho realizado sob o risco do real, nos termos de Comolli. Para exemplificar, como diretor e câmera, deixava a câmera, em todo momento, preparada para captar as imagens, sem um prévio planejamento das tomadas, planos ou iluminação. Os personagens se moviam, falavam ao mesmo tempo e algo a qualquer momento podia sair errado, pois aquele não era um ambiente controlado, não existia um roteiro e como diretor eu tinha de estar pronto para captar a melhor imagem das suas histórias. Eu nunca “peguei” – também nos termos de Comolli – aqueles que estavam sendo filmados, desprevenidos, pois foi o acaso que fez com que eles mesmos se surpreendessem desprevenidos diante da câmera. Eles sabiam que estavam sendo filmados, observados, mas o que eles não têm

consciência é de que quem filma não sabe nada sobre o que a pessoa filmada vai fazer, para lembrar de Comolli (2008). Todo material foi produzido sob o risco do real. Volto a dizer, nada foi de antemão enquadrado, ensaiado, filmado.

O banal, as pequenas coisas, o cotidiano são os objetos centrais do documentário. Existe um interesse, em particular o meu, de conhecer melhor aquelas pessoas quando elas se tornam o centro das atenções, pois, em diversas outras instâncias, eu e o meu núcleo familiar éramos os pontos centrais das conversas, por sermos as visitas e morarmos no centro urbano do estado. Mas, nesta visita, eu estava engajado em ser apenas um observador, pois eles deveriam ser o centro das atenções. Esta inversão de importância entre metrópole e cidade pequena foi o enfoque como forma de enriquecer o documentário, assim se expondo ao banal e a fatos corriqueiros fazem parte do dia-a-dia da minha família que vive numa cidade pequena.

O caráter político deste documentário está presente na minha descoberta e na forma de expor os fatos, as pessoas, revelando através da câmera os meus próprios preconceitos com tudo aquilo é que diferente da minha realidade, com o que ainda é desconhecido e com o decorrer da produção do vídeo haver uma reflexão sobre o que de fato é e o que imaginava-se ser.

Acreditamos que a produção de processos de subjetivação nos filmes de bolso é constituinte de uma nova prática política. Um fazer político que passa pela criação, pelo microcosmo, pelo cotidiano. Estes filmes, mais do que a transmissão do íntimo exibicionista ou narcisista, podem ser considerados pequenos acontecimentos, que escapam ao controle e engendram novos tempos-espacos. (FREITAS, 2010, p.105)

É pertinente ressaltar que as imagens captadas, as escolhas de transições revelam a minha verdadeira visão sobre o que se passava e as condições de vida daquelas pessoas, parte da minha família que reside em uma cidade pequena. O olhar da câmera era o olhar do diretor, o meu olhar. Por que considerar importante a imagem de papagaio ou de uma estante? Ou até mesmo os bezerros passando pelo pasto? Todos são elementos que eu considerei como importantes para enfatizar as condições de vida daqueles ali presentes, dar força ao ambiente rural e de fato à pobreza.

O título do documentário veio justamente desta conclusão, de que o olhar da câmera e tudo que era exposto no documentário eram o meu modo de ver aquelas pessoas e aquilo que eu assinei como interessante, pois houveram diversas imagens que foram cortadas, a

sequência em que as filmagens foram expostas não foi a sequência em que foi filmado, então por mais natural que possa ter sido as filmagens para os personagens, ainda há ali uma visão do diretor, o material foi manipulado na edição para que tivesse o resultado que eu esperava, logo, nada mais justo eu assinar o trabalho logo no título, pois era um trabalho feito para mim e por mim como um meio de reflexão própria.

A frase final do documentário - “Quem garante que o que você é, é o que o outro enxerga?” - não é para ninguém mais além de mim, em primeira instância. Neste trabalho as pessoas são anônimas, então os outros acabam por não se interessar em conhecer um pouco mais daquela realidade, mas este documentário vem justamente mostrar o que os outros não buscam ver, mostrar que existem distintas realidades e que elas também são interessantes.

Inicialmente foi feita uma abordagem com as pessoas presentes no documentário, explicando que eu estaria com uma câmera e que os filmariam. Também insisti na ideia de que queria histórias sobre a juventude deles, mas logo percebi que insistir nisto não daria certo, pois estavam muito intimidados diante a filmadora. Deste tipo de abordagem eu apenas consegui a história que abriu o vídeo documentário. Mudei o meu discurso para que esquecessem que eu estava ali, não havia nenhuma obrigação de apresentar conteúdo e que eu estava ali apenas para captar eles mesmos. Foi a partir deste momento que tive um material muito mais interessante e natural, que foram as conversas deles.

A maior dificuldade não foi deixá-los à vontade diante a câmera, mas era captar as imagens de quem fala, manter a câmera estática sem o equipamento próprio ou mesmo enquadrar duas pessoas na tela diante os obstáculos físicos enfrentados.

Houve uma escolha de protagonista e ela não era a dona da casa, mas a mãe da dona, que foi visitá-la. A protagonista foi aquela que mais se destacou no grupo, talvez por não temer a câmera e aparentemente ignorá-la na maior parte do tempo, falando o que pensa e sempre brincando, que é como ela é naturalmente. Por mais que os outros personagens foram também engraçados, uns emocionaram, ela dentre o grupo se destacou muito por sua empatia e carisma. Como diretor, eu achei que o material em que ela estava presente era sempre mais interessante que aqueles em que ela estava ausente. A escolha foi feita na edição do vídeo documentário.

6 CONSIDERAÇÕES

Este documentário serviu como forma de reflexão sobre como eu pensava que aquelas pessoas levavam a sua vida, e como elas realmente levam. A dificuldade financeira é aparente e realmente se faz presente fortemente na vida daquelas pessoas, mas ficou nítido que isto não é motivo para que elas se abatam, na verdade eu as achei ainda mais alegres e felizes que outra parte da minha família que tem uma realidade financeira bem diferente. O prazer delas parecia não estar nas coisas materiais, mas no próximo, na família. Aquela foi uma tarde de muitas gargalhadas. A humildade daqueles presentes é algo que cativa e que abre os olhos de quem os vê para uma diferente perspectiva de vida, uma em quem se mostra que não é necessário muito recursos para ser feliz, ou talvez que o muito não venha das condições financeiras, mas das pessoas que me rodeiam. O diferente pode ser altamente cativante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e poder - A inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CARDOSO, Kênia Vilaça de Freitas. **Versos-livres: a estética do cotidiano no documentário feito com celular**. Dissertação de mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2010.